A ÁGUIA

ORGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA

6

100 rs.

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Director literário, *Dr. Teixeira de Pascoaes.*
Director artístico, *António Carneiro.*
Director scientífico, *Dr. José de Magalhães.*
Secretário da redacção, editor e administrador —*Álvaro Pinto.*

Correspondentes:
Paris — Philéas Lebesgue.
Salamanca — Miguel de Unamuno.

PROPRIEDADE DE "A RENASCENÇA PORTUGUESA"

SUMÁRIO DO N.º 6 (2.ª série) — Junho de 1912.

PREÇOS *(Pagamento adeantado)*

	Avulso	Semestre	Ano
Portugal . . .	100 rs.	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia .	120 rs.	600 rs.	1$200 rs.
Espanha . . .	60 ct.	3 pesetas	6 pesetas
Estrangeiro . .	60 ct.	3 francos	6 francos.
Brasil	500 rs. fr.	3$000 rs.	6$000 rs.

PREÇO *dos anúncios*
(por publicação)

	Na capa	Além do texto
[illegible]ágina .	4$000 rs.	3$000 rs.
1/2 " .	2$200 rs.	1$500 rs.
1/4 " .	1$200 rs.	900 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS — No Pôrto — Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa — Livraria Ferreira, Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques. na Índia, em Nova Gôa.

Redacção e administração — R. da Alegria, 218, Pôrto.
Tipografia — Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto.

Toda a colaboração é solicitada.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretário da redacção.

CAMÕES

Camões é uma divindade portuguesa; a Divindade tutelar da nossa Patria. Portugal tem vivido á sombra do épico imortal: é o unico paiz cuja autonomia se tem firmado sobre o nome d'um Poeta.

A sombra de Camões vigia as nossas fronteiras e ampara as nossas Colonias. É uma fortaleza espiritual e por isso indestrutivel.

Camões é ainda o nosso ponto de contacto com a Humanidade, com a vida eterna, porque ele foi o supremo interprete do génio aventureiro e descobridor. Vasco da Gama transfigurado em sonho, eis o Poeta dos *Luziadas,* — esse poema feito de ondas, espumas, nevoas, tempestades... Neptuno reencarnou em Camões para escrever em verso heroico a sua auto-biografia.

Os *Luziadas* são os Evangelhos do Mar. O Mar é o nosso Livro d'Orações. Lêr os *Luziadas* é resar o Mar...

Teixeira de Pascoaes

SEPULCHROSITO [1]

Num bosque triste e só
Sob uma concha de arvores, de ramos,
Eu e um poeta — nós ambos, enterramos
Alguns papeis no pó.

Eu enterrei e puz
Os meus primeiros, remendados versos,
Elle, porém, deixou alli "dispersos„
Poëmas de oiro e luz.

Elle entregou á paz
Da boa terra silenciosa e calma,
Um livrosito, o autografo da alma
Daquelle bom rapaz.

Como porém voou,
Seguindo as aguias, cheio de coragem,
Para uma eterna, oceanica viagem,
E nunca mais voltou;

Um dia, sem ninguem,
Violei a doce e pequenina cova
E de branco, à uncção da lua nova,
Vi levantar-se alguem!

Era o Amor a visão
Que eu vi saír desse sepulcrosito,
E trazia na mão um manuscripto,
E dentro um coração!

Antonio Nobre

---

(1) Nota do autor. — Esta poesia é a impressão do enterro dos meus versos e dos do Eduardo. O *sepulchrosito* fica na gruta de Luiz de Camões, parte superior, Palacio. O enterro foi em 1883. Os versos são de 1884.

Nota da Redação. — O Eduardo a quem a nota se refere é o Poeta Eduardo Coimbra que morreu aos 18 anos deixando um belo livro de versos — *Dispersos*.

Regendo a Sinfonia da Tarde

A Raul Proença

Hora em que a tarde cai... Chove doçura...
Toca meus lábios a divina Graça...
A oculta fonte do Siléncio acorda,
Suavíssima murmura;
...E um bater d'asas d'Anjos, por mim passa!

A imensa cúpula do Ceu recorda
Límpida taça de cristal e oiro,
Dum moribundo oiro que não arde,
E em cuja borda
Num longo trago
Sofregamente bebo a luz da Tarde,
Pálido vinho loiro
Com que divinamente me embriago.

Ao longe, no Ocidente
A galera do Sol colheu as velas;
Vão a caír, dobradas... lentamente...
Sobre o navio em fogo.

Ao ve-lo
Sonho as saüdosas tardes do Restelo,
Cheias dum chôro amargo,
Quando ao largo
Se afogavam na Sombra as caravelas!

Uma a uma,
Cada vela colhida
Por instantes se apruma
E já parece
Que o vento novamente as estremece
E as vai tornar revoltas;
E em meu olhar surprezo
O Sonho desvairado da partida
Por momentos

livrosito livrosito

Ergue-se todo, num delírio acezo,
Cortado de lamentos,
Soluços, gritos, ais, lágrimas soltas...!
Fez-se um Silêncio concentrado...
Tudo parou num ar de agoiro...
Lembra o Sol-posto
O túmulo dos Átridas, violado,
Deixando vêr um rôsto
Funebremente polvilhado d'oiro.

Na cúspide do Azul, que um raio cora,
No mais profundo da celeste taça
A derradeira gota se evapora;
E a um sinal de misterioso àlerta,
Que num murmúrio passa
De boca
Em boca,
Uma agitada multidão desperta:
—São névoas, sombras, diluidos vultos
Espíritos ocultos,
Que tanto se erguem do mais alto monte
Como do chão mais razo.
E, emquanto a Tarde cai,
Vão pouco
A pouco
Crescendo no horisonte
Debruçar-se no ocaso
Dizer adeus ao Sol que já lá vai!
Adeus! Adeus! geme o sombrio côro!
Tal uma turba de mulheres em chôro,
Juntas á beira-mar,
Quando os homens partiam á conquista
Para a India remota
E as pobres vinham para a praia olhar
Seguir ao longe a frota
Até de todo se perder de vista.

A tarde é toda raza de andorinhas.
Vão de azas quietas a pairar, sem rumo.
Mas, mal que o Sol entra a morrer,
Toma-as um sobresalto
E, leveîrinhas,
Erguem-se quasi a prumo
Para o alto...:
Teem pena do Sol, querem-no vêr...!

Tardes da minha Terra portuguesa!

Não ha outra onde a Luz crepuscular
Tam docemente quebre;
Mais cheias de ansiedade e da Tristeza
De Triunfo e de Febre,
Pois quando o Sol nos deixa cai ao Mar.
É às horas imensas do Sol-pôsto,
Quando a Luz solta a rala derradeira,
Que eu me sinto mais belo e mais perfeito
E o Génio desta Raça aventureira
Me crispa os nervos, me dilata o peito
E transfigura o rôsto!

Raça vidente, halucinada, inquieta,
Sempre à busca do Alem...
Vamos... toca a embarcar! Eh! lá! quem vem
Para as Indias sem fim?
Meus Irmãos marinheiros, sou Poeta:
Quero a mais alta gávea para mim!

Cai o Silêncio em ondas dos Espaços.

Hora em que a Noite e a Luz caem nos braços,
Livrando as Coisas do contorno exacto,
Despindo-lhes a túnica de Côr
E em que se escuta e palpa com o olhar:
Fez-se a Sombra rumôr,
Doce contacto.
Frémito de Almas que percorre o Ar...

Fez-se a Sombra rumôr,
Doce contacto...
Surprezo despertar da Inspiração...
Desabrochou no íntimo explendor
Fez-se a divina face,
Que a Vida só agora revelasse
No meio dum Silêncio anunciadôr
E do velado e púdico recato
Da melindrosa meia-escuridão!

A mim libra-me a Sombra em estos de asa,
Sinto que a pouco e pouco me eterisa
E o meu Delírio é tanto que extravasa
E pela tarde extática deslisa...

Desagrega-se a tarde em cinza e ouro...
E mil milhões de vozes concertadas,
Murmuradas

Em segredo,
A medo
Começam a ensaiar um grande côro...
Na sombra acorda cada ser oculto
E, Lázaro sepulto,
Recobra a fala
E exala
Seu humilde canto...
E a gente escuta,
Empolgada de espanto,
Esse *Requiem* resado ao fim do Dia
Num côro universal!

Oh! Génios da Harmonia
De arrebatado estro,
Dai-me a vossa batuta,
Quero ser o maëstro
Do profundo coral!

É então que nós dois, de mãos unidas
E de olhos fitos,
Numa embriaguez de sombra e suavidade,
Unimos pelo fogo as nossas Vidas
E nos sentimos infinitos
E a viver na Eternidade...!

E ha tanta Fé no teu olhar ardente,
Ha tanto facho acezo a iluminar-me,
Que me olho, frente a frente
E sinto o meu Destino arrebatar-me.

Olho-me e prende-me um divino espanto:
É que dentro de mim havia um Anjo,
Como se eu fôra um príncipe encantado
E se quebrasse o encanto
Depois de o teu olhar me haver tocado;
E eu despertei para viver de assombros:
Vou crescendo, subindo no horisonte
E tanto espaço na subida abranjo
Que o Ceu é o explendor da minha fronte
E a tarde o manto que me cai dos hombros!

Súbito rasga-se o meu corpo aério,
Descerra-se-me o peito em claridade,
Meu coração scintila:
Olhai: a estrela do Mistério
—Vesper abriu a lúcida pupila!

Conheço a minha divindade emfim;
E, ébrio de Amôr, de tarde e de Saüdade,
Fundo mais os meus olhos com os teus,
Sinto que a Raça deposita em mim
As virtudes maiores de meus irmãos
E halucinado semi-deus,
Tomo a lira de Orfeu nas minhas mãos!

Sim! Tomo a lira,
Firo-lhe as cordas num ligeiro afago
A pedir-lhe segredos
E esse roçar de dedos,
Sopro de Ar,
Hálito de menino que suspira,
Foi o raio de Sol, dando num lago,
Quando pela manhã tenta voar;
Que o doce seio a arfar da minha lira
Logo se inflama
Já se perturba em ânsias, já delira
E em suavíssimas névoas se derrama...

Com dedos de Anjo
De novo as cordas firo
E tam sentidamente a lira tanjo,
Tais acordes desfiro
Com tam profundo
E penetrante acento de Tristeza;
Que chego a ser senhor de todo o Mundo
Pelo poder supremo da Beleza,
E mais
A mais
As Sombras voltam a unir-se em côro
E as vozes com a lira concertaram
Num dulcíssimo chôro.

Torna-se a melodia mais intensa
Até que em toda a Terra se levanta
Uma elegia de Saüdade imensa,
Que entôam quantos Anjos acordaram
Pelo milagre desta Tarde Santa!

As Sombras dizem na elegia imensa
A saüdade do Sol que já morreu,
Mas em mim o Amôr vai mais além:
Ha muito Sol que nunca amanheceu
E a minha lira chora numa prece,
Resa a visão saüdosa desse Bem,
Que todos sonham e ninguem conhece.

Lira de Orfeu! É que esse canto triste
O Amôr e a Tarde juntamente louva:
Nem coração de fera lhe resiste,
Não sei de frágua que se não comova.

Até o Ceu de súbito brilhou,
Vejo pálpebras trémulas a abrir:
Uma Vida mais alta despertou
E as primeiras estrelas vem ouvir...

Logo a meus labios áridos onde arde
A sede duma eterna embriaguez
Levei a taça azul da Luz da Tarde
Pela última vez.

Bebi, bebi, bebi a tragos lentos,
Depois ergui-a, levantei-a ao Ar,
Vi-a brilhar ainda por momentos
E como o rei de Thule deitei-a ao Mar.

Ao Mar, ao Mar da Noite é que a lancei
Cheio de Orgulho e Mágua:
Fui o primeiro e eu só que a empunhei
Vi a Noite afunda-la, cheia de água.

Vesper perdeu-se, ao largo, no Poente...
A Noite galga na maré crescente...
Apenas ha clarões no teu olhar
Que brilha razo d'água, liquefeito...
Fico-me a ve-lo, atónito, de bruços...
Súbito gemes, tens o seio a arfar,
Inclinas a cabeça no meu peito
E rompes em soluços...!

S. João do Campo – 1911.

A concepção do amor nos poetas provençais

Tot atressi com la clartat del dia
Apodera totas altras clartatz
Apodera, domna, vostra beltatz
E la valors, el pretz eill cortezia
Al mien senblan, totas cellas del mont.

Rigaut de Barbezieux.

A **poesia** provençal faz-se notar desde o seu apparecimento, pela sua originalidade.

Nada, do que antes della existiu, exerceu nella influencia. Pode, na pastorella, tratar de assumptos pastoris, sem que nem a forma nem a sentimentalidade tenham nada de commum com a ordenação classica dum idilio de Theocrito ou duma ecloga de Virgilio.

O meio tem tambem nella pouca influencia. Ao passo que a poesia do Norte reflecte, na *gesta*, a brutalidade sangrenta do feudalismo, a poesia meridional, docemente, sob a doçura do ceu, canta as alegrias e as penas do amor.

Nem mesmo as chacinas de Simão de Monfort, nem as perseguições da Inquisição conseguirão fazer calar os Trovadores, perdidos no seu sonho.

Quando olhamos para a Provença, durante a Idade media, temos a impressão de vermos aquella floresta deliciosa e phantastica, onde Merlin dorme socegado, sob a contemplação amorosa de Viviane, que o encerrou, para o possuir melhor, no circulo magico da sua fascinação.

Mas a concepção do amor nos poetas provençais é tambem differente da concepção antiga.

Em nada se assemelha ao amor voluptuoso e terrivel do mundo greco-romano que os herois da Tragedia grega temiam, nem á brutalidade animal do primeiro trovador conhecido, Guillem conde de Poitiers e duque d'Aquitaine.

A divinisação sensual da Belleza e da Mulher, Aphrodite, cede o logar á divinisação pura da Virgem, casta, adorada de longe e com o respeito humilde das coisas, que pertencem a Deus.

Em Pompeia e em grande parte da França, appareceram pequenas esculturas representando uma mulher extraordinariamente bella, sentada, tendo nos braços uma criança, que sorri, e voando-lhe, por cima, uma pomba, que parece contempla-la com amor.

Para a antiquidade pagã essas figuras representavam Venus, tendo nos braços seu filho, o Deus do amor, e esvoaçando-lhe em torno a pomba de fogo dos desejos.

A maternidade significava ainda alegria e voluptuosidade.

Com a influencia das novas doutrinas christãs, o grupo estatuario conserva-se mas a sua interpretação diverge.

A mulher tornada Virgem, symbolo de castidade e de pureza, occulta a nudez, que é considerada impura, em vestimentos castos.

O sorriso perde a sensualidade e, vagamento ingenuo, torna-se doloroso como num presentimento de angustias futuras.

A creança toma uma gravidade augusta. A sua mãosinha ergue-se já, num gesto dominador de benção. Presente-se nella o futuro sacrificado, o redemptor do mundo.

A pomba torna-se sagrada. E' a forma visivel do Espirito Santo, uma das pessoas da Trindade veneravel, do Deus triplice num só Deus, que encarnou no ventre purissimo duma virgem, para num milagre d'amor redimir os homens da macula original.

Aqui nenhuma ideia de goso dos sentidos. A essencia dum amor immaterial e extraordinario illumina o grupo e faz ajoelhar os crentes, como outr'ora, segundo a lenda, numa aldeia da Galilea, ajoelhavam os pastores e os reis vindos das tres

partes do mundo, diante dum recemnascido, que dava os primeiros gritos da vida, nas palhas dum estabulo.

Consequentemente, como variou a interpretação deste simbolo, a concepção do amor variou tambem.

Sob a influencia do catholicismo o amor espiritualiza-se. Afasta-se da carne e aproxima-se da alma.

O ideal da mulher como ente amado variou tambem. As perfeições do corpo são exigidas, não como manancial de deleites sensuais, mas como um escrineo maravilhoso, que contem as perfeições do espirito.

E a perfeição moral da amada tende a approximar-se nas comparações dos poetas á da Mãe de Deus.

Prepara-se assim o neo-platonismo de Petrarcha e Dante.

Os poetas provençais tomaram o amor por thema quasi exclusivo das suas canções. Concebiam-no como um culto, quasi como uma religião.

Na sociedade provençal, o amor tem as suas leis e os seus direitos, que formam o codigo do perfeito amante.

Os jogos flor s, os conceitos dos poetas e as côrtes d'amor formaram a sua legislação.

E desgraçado d'aquelle, que a violar; os seus tribunais, em que são juizes as mulheres mais bellas e mais instruidas da epocha, são implacaveis e crueis.

Os amantes em relação ao amor devem comportar-se como um vassallo em relação ao seu suzeranno.

Estar apaixonado é ligar-se ao ente, que se ama por juramento inquebrantavel.

A mulher amada tem o direito de exigir do amante tudo quanto queira e elle tem que submeter-se.

O amante contudo não é um escravo, é um vassalo.

A vassalagem amorosa é invenção dos poetas provençais.

Ser discreto é uma das primeiras qualidades exigidas pelo codigo amoroso.

Por isso o trovador escondia o nome da sua amada, sob um peseudonimo que se denominava um *senhal*.

Este costume explica-se, se nos lembrarmos que os trovadores só dirigiam as suas homenagens a mulheres casadas; uma canção d'amor dirigida a uma virgem é perfeitamente excepcional nesta poesia.

Bernard de Ventadour (seculo XII) chama á sua dama *Bel-Vezer*, (Bella Vista). Ora *Magnet*, (Iman) ora *Tristau* Bertrand de Born designa a sua, com nomes pouco transparentes: *Mielhs-de-Bem* (melhor que Bem) ou *Bel-Miralh* (Bello Espelho).

O ultimo trovador provençal, Guiraut Riquier, chama a sua amada *Belh Deport*, (Bella Alegria).

Do principio ao fim da Escola provençal este costume é mais ou menos constante.

Outra qualidade eminente requerida pelas *Leys d'Amors* codigo poetico, onde foi resumida no seculo XIV a legislação amorosa e poetica da epocha, era a paciencia, uma paciencia enorme e illimitada.

Muitos trovadores a comparam á dos Bretões, que, ha seculos, esperam confiadamente a ressureição do rei Arthur.

Rigaut de Barbezieuz, um dos mais finos poetas provençais, exprime-se assim: "Sabe pouco d'amor aquelle que não espera com paciencia a sua piedade, porque o amor quer que se soffra e que se espere, mas pouco tempo lhe basta para reparar todo o mal dos longos tormentos, que nos fez soffrer."

Na coleção de Diez "Poesie der Troubadours" encontra-se esta phrase: "Paciencia é a palavra magica, o talisman, diante do qual se abre o coração da amada".

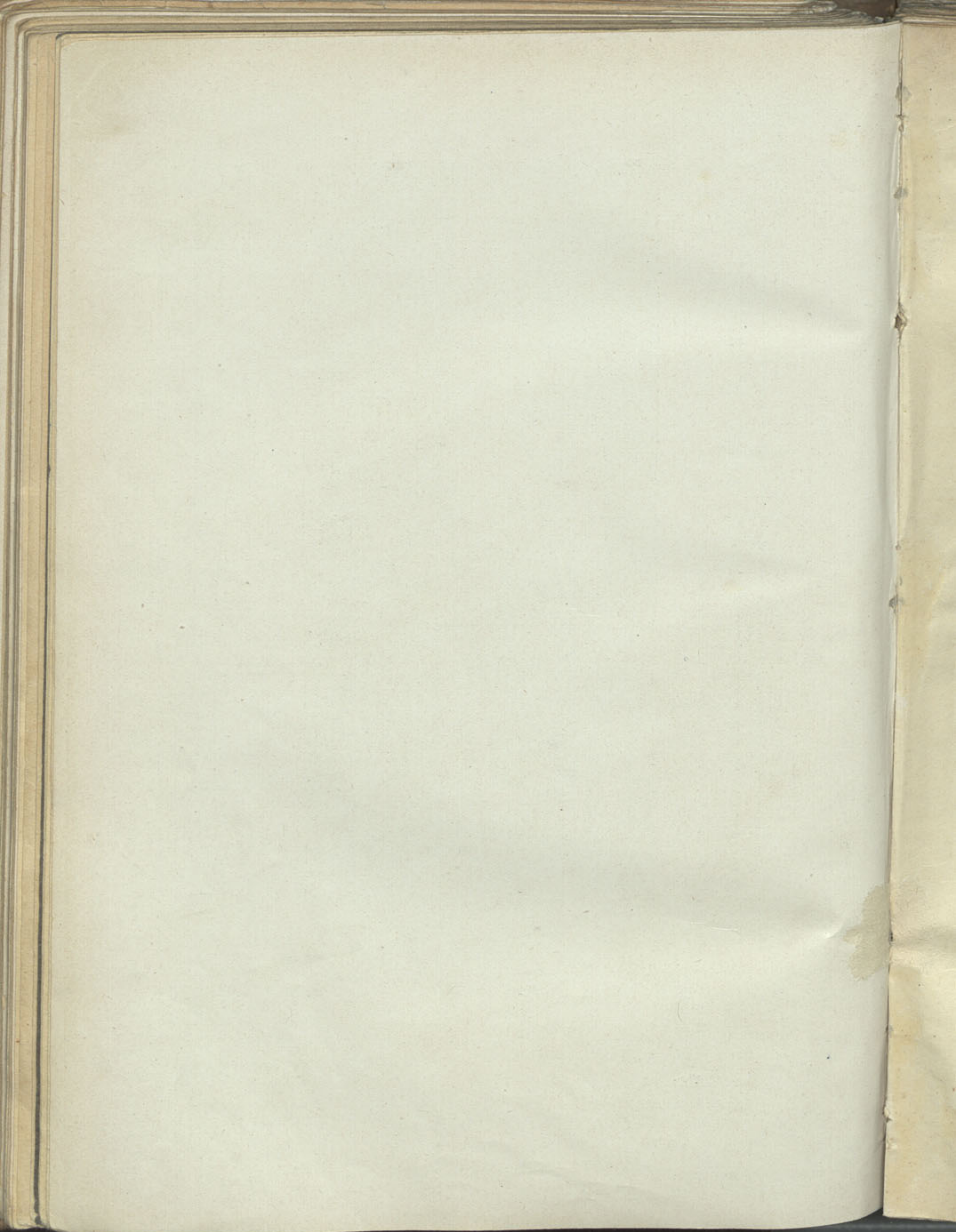
Em troco dos seus serviços o trovador esperava pouco. Um compassivo olhar, um leve sorriso, unica recompensa, a que aspirava, eram sufficientes para precipitarem o sonhador num enlevo melancholico e eterno ou numa louca inspiração.

Diante da mulher amada o trovador perturba-se. Mesmo correspondido é duma timidez excessiva.

A poesia provençal descreve bem todas as suas emoções: o sentimento da

PORTO ANTIGO

R. Armenia (1911)

(De J. Monteiro)

propria inferioridade, o olhar generoso que o levantou da terra, a anesthesia das dores por um simples relancear d'olhos descuidado, o receio de que adivinham por quem é a absorpção do seu espirito, a angustia duma ausencia forçada e a alegria de a ver de mais perto. Senão veja-se:

“Eu sou semelhante a Parsifal, que, deante da lança e do Sant Graal, teve uma tal comoção, que não soube perguntar para que serviam; assim quando vejo, Senhora, o vosso corpo gentil me esqueço a contempla-lo com admiração; quero implorar-vos e não posso: sonho„ (1).

“Acontece-me muitas vezes querer fazer-vos um pedido, Senhora, mas quando estou ao pé de vós esqueço-me d'elle„ (2).

“Quando a vejo vê-se, nos meus olhos e na côr do meu rosto, que tremo de medo, como uma folha batida pelo vento; estou tão conquistado pelo amor que não tenho mais entendimento que uma creança„ (3).

“Não ouso mostrar-lhe a minha dor quando por acaso a vejo; não sei senão adora-la„ (4).

Longe da mulher a amada o trovador é mais eloquente. Tem para a divinizar phrases maravilhosas. Refere-se a ella duma forma extraordinaria. E' uma imagem, que ella só ousa evocar em segredo, longe da violação dos olhares profanos.

A ausencia desperta-lhe formulas duma energia immensa.

Vai-se o vulto do meu corpo
Mas eu não
Que aos pés vos fica morto
O coração (5).

Mas esta concepção do amor, duma perfeição tão ideal, perfeição litteraria e perfeição moral, pois que ambas estas perfeições são consequencias do amor perfeito, apesar de original estava longe da realidade.

A arte afasta-se com ella da vida perdendo por isso mesmo, todos os meios de renovamento. Ao passo que no norte da França a gesta influenciada pelo provençalismo, introduzido aí por Alienor de Poitiers e Marie de Champagne no reinado de Luiz VII, cria com Chretien de Troyes o romance de cavalaria e que, em Italia, Dante e Petrarcha criam um novo lyrismo superior, a poesia provençal estagna no seu artificialismo amoroso.

As formas repetem-se, imitam-se sem já satisfazerem os espiritos.

E assim não é difficil, depois da cruzada contra as albigenses, que o espirito religioso se apodere d'elle e que o provençalismo, antes de morrer, aberta uma nova estrada, com os cantares d'amor á Virgem, se lance nella com ardor.

E' esta a sua ultima feição.

Na sua concepção fixada em leis o amor tinha tornado a mulher amada tão alta tão inacessivel, tão supra-terrestre, que não era difficil ella deixar de ser uma creatura humana para se encarnar na Virgem Maria, fonte de toda a perfeição.

E até á morte da escola provençal, monges trovadores e trovadores laicos vão dirigir-lhe hymnos d'amor, recompensados da sua constancia pela beatitude mystica das halucinações.

Cellas, Abril de 1912.

Gustavo Ferreira Borges

(1) Rigaut de Barbezieux.
(2) Peire Raimon de Toulouse.
(3) Bernard de Ventadour.
(4) Arnant de Marnelh.
(5) Cartas de Egas Moniz Viegas (versão moderna de Almeida Garrett).

LE CONDOR CAPTIF

A Teixeira de Pascoaes

Á quoi bon, vieux condor, dans ta cage de fer
Eployer tristement devant moi tes deux ailes?
J'ai lu tout ton chagrin dans tes mornes prunelles
Je sais en te voyant ce que tu as souffert.

Tu n'est pas rèsigné, tu songes, tu évoques
Les monts vertigineux et le grand ciel vermeil
Où tu vol libre et fier se drapait de soleil:
Hélas! regarde-toi; tes plumes sont des loques.

Tes muscles de captif ont desappris l'essor
Ton cœur dorénavant défaillerait de boire
L'ivresse des matins, l'effroi de la nuit noire;
Dans ta poitrine amère il retomberait mort.

Esclave, tout est vain d'une âme impatiente
La vigueur se derobe et meurt á ton dèsir
Pour dormir et manger, attends le bon plaisir
De tes maîtres, et couche-toi dans ta fiente.

Pour ne pas voir, ferme tes pauvres yeux têtus.
Et pendant que, versant le sarcasme et l'offense
Les sifflets essaieront de railler ton silence,
Tu secoueras l'orgueil des jours qui ne sont plus.

Va, je sais ta dètresse et quel mal on endure
D'avoir de quoi voler quand on est en prison
Comme toi j'ai les yeux tendus sur l'horizon;
La moindre lueur d'aube est comme une morsure.

Et lorsque j'aperçois à travers les barreaux
Quelque étoile du ciel qui semble une sourire
Un sonhait de conquête ardente me déchire
Et ma récolte vaine éclate en longs sanglots.

Philéas Lebesgue

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTAS INÉDITAS

IX

Meu caro G.

Recebi as suas bellas poesias, e vejo que não recebeu a minha ultima carta.

O que posso dizer-lhe a respeito do M. é que o meu procedimento forçosamente devia ser auctorizado por uma grande offensa. Desde muito que luctamos por causa d'aquellas meditações *e quejandas sensaborias publicadas no jornal. Cheguei a ameaçal-o com a minha retirada, e elle acceitou-a orgulhosamente. Mediaram cousas miseraveis, com que eu não devo enfastial-o, "mas o melhor da passagem„ é que aquelle Sr. M. desde certa epoca, em que resolveu vesitar D. Miguel, entendeu que eu devia contribuir para o seu passeio com os meus* indispensaveis *interesses de redactor. Esta miseria, que eu fujo de publicar por justissimas razões* religiosas e politicas, *deve mover a sua opinião a meu favor; eu, com tudo, meu amigo, não quero que esta revelação o desvie de escrever para um jornal religioso; seja quem for o seu redactor. V. S. serve a religião e não os interesses particulares. Se eu duvidasse da sua fecundidade poetica seria um egoista do seu subsidio litterario; mas V. S.ª pode ser util a todos, em cujo numero eu sou uma particula, mas um gigante na amizade que lhe dedico.*

De V. S. am.º e obg.mo

Porto 26 de Setembro de 1852.

C. Castello B.

A canção da noiva moribunda

(Das "Serres chaudes" de M. Mæterlinck)

I

—E se ele um dia voltar
Que lhe deverei dizer?...
—Que eu estive á espera de ele
E o esperei até morrer...

II

—E se teimar, perguntando,
E sem me reconhecer?...
—Dize palavras de irmã...
Talvez seja por sofrer...

III

—E se pergunta onde estás,
Então, que lhe heide dizer?
—Entrega-lhe este anel de oiro...
E' melhor não responder...

IV

—E ao desejar saber
Por que está a sala deserta?
—Mostra a lampada apagada,
Mais aquela porta aberta...

V

—E se, ao fim, me perguntar
O que dissestes, partindo?...
—Diz' que p'ra el' não chorar
Eu morri, parti sorrindo!...

Tradução de

Augusto Casimiro

AS NOSSAS INDUSTRIAS DE ARTE

II

Não desejaria occupar-me do aspecto que este assumpto toma no momento actual, sem primeiro me referir especialmente ao caso que porventura mais caracterisa o nosso mau gosto, a nossa ignorancia e a inconsciencia com que inventamos em arte decorativa. A isso venho. Este caso é o da obra de madeira em geral, mas sobretudo da que aspira a ser expressão artistica nacional, genuina e inconfundivel. Não me passa pela cabeça comparar a nossa fabricação corrente, por exemplo, com os productos americanos do Norte, os quaes sobrelevam a todos os das nações da Europa culta. Quero apenas indicar artigos com pretenções artisticas e desejos de esgotar até á nega a capacidade admirativa das gentes mais scepticas.

Se a memoria me não falha, na Exposição parisiense de 1900 appareceu uma celebre bengala feita de alguns centos de bocados, trezentos ou cousa que o valha, bengala que mais tarde se extraviou numa qualquer das exposições que se seguiram áquella, sem todavia haver ahi causado mais profunda impressão do que produzira em Paris. Ignoro se algum membro da Secção portuguesa apresentou o funambulesco caso ao jury da respectiva classe; nem tão pouco imagino como elle defenderia um paiz em que ha operarios que perdem o seu tempo, o qual é dinheiro por toda a parte, a collar e a ajustar 300 bocados de pao e outros materiaes para fazer um objecto que convem ser de uma cana só!

Ha annos li num jornal qualquer que, lá do fundo de uma das provincias beirans, vinha a Lisboa um inspirado e reformado major de infantaria offerecer á rainha, Senhora D. Maria Pia, um castello de cortiça, por elle mesmo feito a canivete nas longas horas de ocio e de veneração d'uma terreola parada e credula. Essa obra amorosamente monarchica já em 1900 devia tambem estar aposentada e fóra de serviço activo, porque não figurou entre as varias concepções congeneres que mandamos a Paris, geralmente acompanhadas de todas as recomendações para que se attentasse cuidadosamente no que ellas valiam e as colocassemos "de forma que se vissem bem".

Mas nem por isso deixamos de revelar o nosso genio inventivo em alguns casos monstruosos, principalmente na secção do mobiliario. Como já disse não trato aqui do artigo de fabricação corrente, do movel de commercio, que Oliveira Martins defenia de um modo picaresco; dizia elle que as gavetas das nossas comodas, escrivaninhas ou quejandas peças nunca abrem nem fecham bem. Tão pouco alludo á obra de Leandro Braga, o notavel artista já fallecido ao tempo, e que, por isso mesmo, não podia achar-se representado

nessa Exposição. A obra de Braga foi um caso raro, não aproveitado e nem sempre bem inspirado pelas necessidades da vida. Pena que o não aproveitassem para que fizesse escola; porque nessa obra ha muito que aprender e que admirar, exemplos de arte de grande valor.

Aqui refiro-me particularmente aos artigos de luxo, quer de inteira fabricação moderna, quer restaurados, mas todos elles influenciados pelo *bric à brac*. São de quatro categorias:

1.ª Moveis de architectura mais ou menos moderna, compostos com talha velha das nossas igrejas.

Quem inventou o genero e com elle primeiro explorou o mercado conhecia bem a ignorancia e gosto primitivo do nosso meio que, por completo, se deixou deslumbrar e ludibriar. Felizmente já vae cansando o engôdo, e é de esperar que, em breve, desappareça de todo, juntamente com a velha talha, quando toda vendida.

2.ª Moveis antigos restaurados.

Os moveis antigos são entre nós restaurados, geralmente sem consciencia, por marceneiros desprovidos de educação artistica e por conta, ou de negociantes de *bric à brac* ainda menos instruidos, ou de collecciónadores que estudaram com esses negociantes. Esta ordem de factos tem adulterado, e até destruido, uma grande parte do excellente mobiliario que havia no país.

3.ª Moveis de existencia recente, construidos em estylo anterior á epoca em que appareceram.

Nesta categoria apparecem casos de uma incoherencia verdadeiramente comica; por exemplo, mesas de cabeceira, lavatorios, estantes para livros, com a ornamentação de tremidos do seculo XVIII. Ha alguns annos um negociante de *bric à brac* convidou-me repetidas vezes para ir ver uma *commoda gothica* de que me dizia maravilhas: ignoro o que fosse esse invento, porque não o vi; mas, pela descrição do homem, devia ser decorado com os frisos de talha baixa conhecidos pelo nome deveras pitoresco de *rafaelas*.

4.ª Moveis profusamente entalhados, mas sem estylo definido.

Neste ultimo grupo revela-se principalmente a vaidade consagrada de certos artifices, dotados aliás de verdadeira capacidade profissional, tão grande como a sua ignorancia, mas de facto desnorteados pelo elogio incondicional e caracteristico do nosso meio. Chegados a esse estado mental, entalhadores e marceneiros ha que, podendo vir a ser verdadeiros artistas se fossem educados, já não duvidam de si mesmos e passam a "tirar da sua cabeça„, como usam dizer.

Embora hoje se reconheça no meio portuguez um pequeno progresso sobre este modo de vêr completamente exacto ao tempo, isto é ha onze para doze annos, não é difficil depararmos ainda agora nos leilões mais importantes com productos e adaptações artisticas concebidas no espirito d'esta serie: Applicações de talha antiga, cabeceiras de cama formando costas de pequenos canapés ou sofás, etc. Nem deve causar surpresa que assim succeda;

quando ao contrario do que se dá em outros paizes, e até em França onde as obras de restauração do genial Violet-le-Duc são hoje condemnadas, nós ainda actualmente estamos construindo monumentos novos em estylos antigos e reconstruindo monumentos antigos em supposto estylo da época; inventamos e creamos na supposição de que podemos chegar a produzir expressões estheticas dos tempos passados. Apontarei apenas como justificação do que afirmo os desvarios pseudo-manuelinos dos ultimos vinte annos e a actual restauração da Sé de Lisboa.

De passagem devo dizer que não está neste caso a obra de *restituição* da Sé de Coimbra á sua primitiva traça. Ahi não se inventou; refez-se apenas o que poude refazer-se e havia sido propositalmente destruido. Essa obra é seria.

Mas em Paris appareceram exemplos de todas essas quatro cathegorias que deixo apontadas. E entre elles vou citar um apenas; porque me collocou em circunstancias difficeis, direi até insuperaveis, para defender a insensatês nacional. Expoz, não sei quem, uma espalhafatosa mobilia de sala de jantar, espalhafatosa e colossal como eu nunca vira, apesar de conhecer não poucos monstros similhantes e de boas dimensões. Pertencia á 1.ª cathegoria: moveis modernos compostos com talha antiga. Era uma serie completa mas, como digo, colossal. Occupava um largo espaço e, apesar d'isso, nunca visitante algum nos dirigiu perguntas a seu respeito, como muitas vezes succedeu com outros artigos do mesmo grupo. Eu deixara de a vêr por isso mesmo, nem pensei no que, a seu respeito, deveria dizer ao jury que viesse analysá-la e classificá-la. Accrescia ainda que, detestando profundamente esse genero artistico, tão pouco tinha a aguilhoar-me o interesse superior que em nós desperta a admiração esthetica. Tudo ahi me desagradava.

Tive porem, por dever de cargo e de portuguez, de defender o aborto.

Vieram um dia chamar-me para receber o jury. Homens todos para mim desconhecidos: apressados, fatigados pelo exercicio da critica, muito repetido e rapido, não poucas vezes desagradavel por certo. Fui encontrá-los já defronte dos armatostes e senti-me angustiado. Um dos jurados, com cara de poucos amigos, expressão de assombro indignado e gesto sacudido, perguntou-me o que aquillo era. Os companheiros olhavam ora para mim, ora para os monstruosos moveis, com cara de peixes hypnotisados.

Disse o que me lembrou: adaptação da talha de influencia italiana, seculo XVIII, muitos conventos vendidos por obra e graça do *Mata-frades*, madeira de castanho primitivamente pintada e doirada, estylo quasi nacional, estylo Luiz 1.º, feliz qualificação esta que uma vez certo amigo meu, ironico e não menos violentado, havia conseguido descobrir.

Não sei se acrescentei mais alguma cousa. Esta ultima affirmação foi naturalmente sugerida por um alto patriotismo angustiado e para me ver livre da entalação que tão desagradavelmente me surprehendia. Se os francezes tinham a serie dos Luizes, 13, 14, 15 e 16,

nós, nação pequena, tambem possuiamos um Luiz. Atirei-lhes com elle; os homens que lhe calculassem as proporções.

O das perguntas pareceu-me porem ainda mais surprehendido após a minha resposta. Ficou-se uns segundos calado; mas de repente, com singular violencia e espanto, dirige-me as seguintes palavras que quasi traduzo textualmente:

— Mas então lá na sua terra faz-se d'isto habitualmente, por industria corrente? Assim havia tantos conventos para alimentar uma fabricação especial e constante?

Que sim, que havia. Eu senti vontade de metter o jury dentro dos armarios, fechá-lo á chave e fugir para muito longe, para o extremo da secção onde havia moveis de uma estructura finissima, d'uma graça e elegancia repousante, docemente convidativa; ficar-me ahi contemplando-os com amôr, para esquecer a torturada ornamentação da mobilia nacional, horrorosa, colossal e collossalmente feia.

Mas os homens não me deram tempo de cometter essa violencia. Foram elles vêr as lindas cousas das outras secções e deixaram-me amarrado aos armatostes.

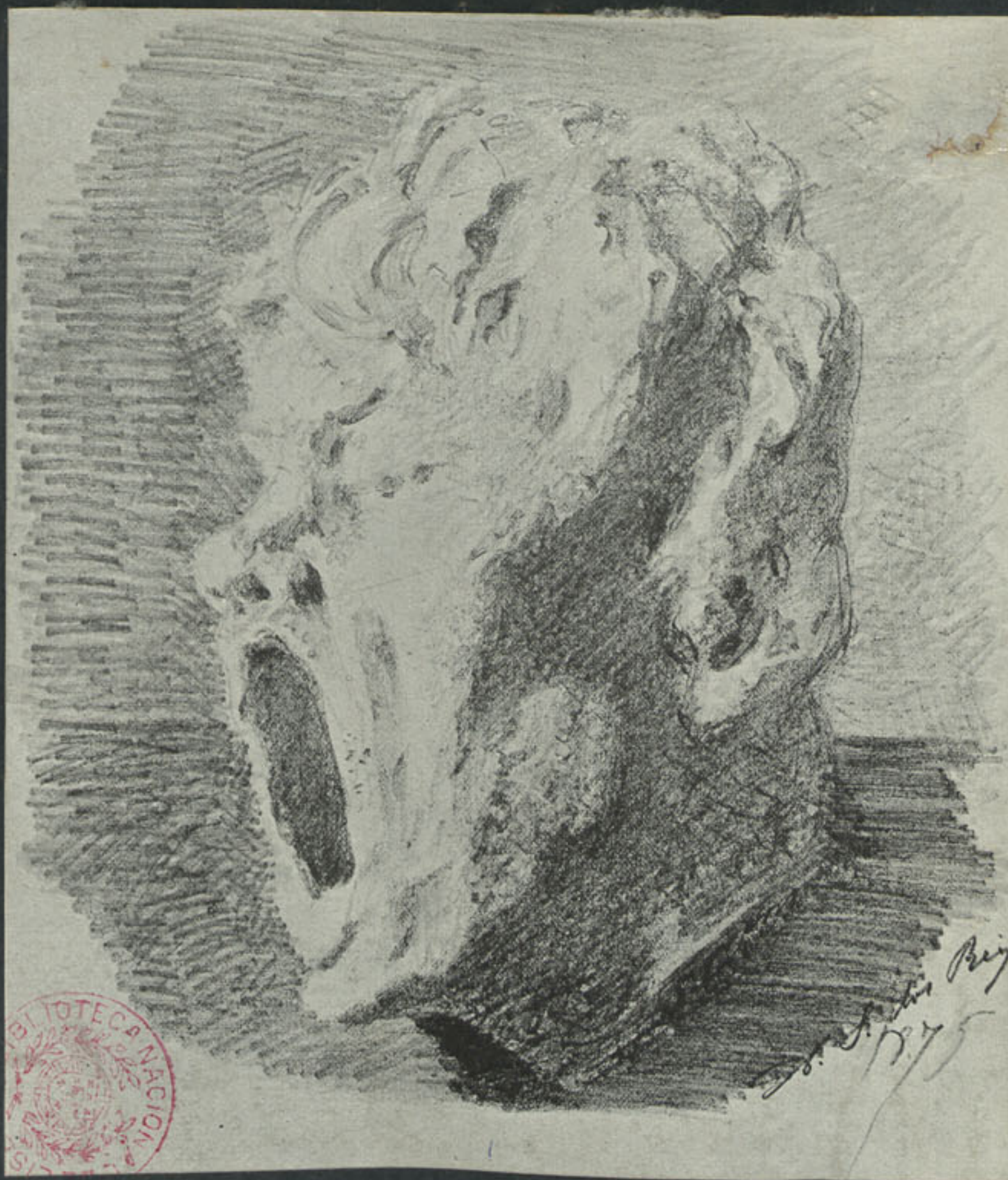
Estava porem escripto que essa abominação não regressaria á terra firme de Portugal. O naufragio do navio que trazia a bordo uma grande parte da nossa exposição foi bemfazejo quando fez desaparecer para sempre a monstruosa mobilia. Perderam-se ahi algumas cousas superiormente bellas: os retratos de Taborda e Eça de Queiroz por Columbano, os retratos dos Snrs. Anselmo Braamcamp e Wenceslau de Lima por Salgado, uma collecção excepcionalmente rara, de legislação financeira, que Ressano Garcia conseguira reunir numa longa viagem por varias nações. Mas essas perdas atenuam-se consideravelmente com haver desapparecido para todo o sempre a destestavel guarnição de sala de jantar em estyo Luiz 1.º

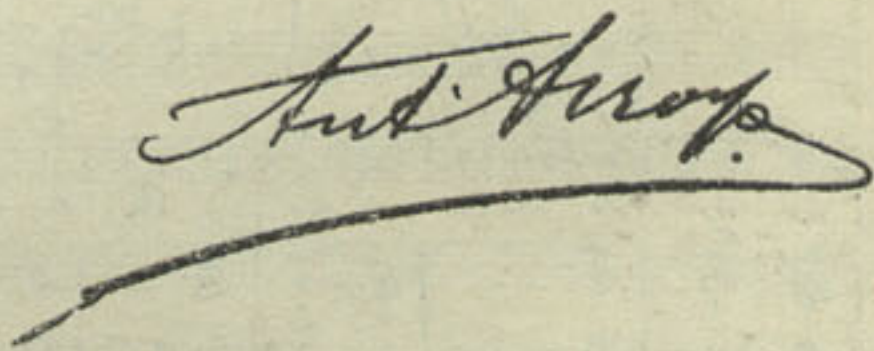
Ainda ha males que veem por bem.

Cito este caso como exemplo do aspecto lamentavelmente grotesco que toma a obra d'arte quando concebida na mais absoluta ignorancia da cultura especial exigida nas nações avançadas. Nós rimonos dos manipansos de Africa e admiramos os moveis construidos com a talha das antigas egrejas. Pois lá por fora succede exactamente o contrario. Os mesmos homens que tão desagradavelmente julgaram a nossa mobilia, notam hoje o caracter iniludivel dos manipansos africanos dentro do dominio artistico.

E se esse aspecto é de facto lamentavel, mais o é ainda a sua revelação nos certamens de arte e de industria em que as nações se desqualificam, submettendo-o á analyse critica e erudita das especialistas e publicistas de reputação europeia. Mas fervem os empenhos, movem-se todas as influencias e a nossa arte de amadôres eternos e incorrigiveis patenteia-se aos olhos educados dos publicos superiores com a filaucia, boçalidade e inconsciencia do *parvenu* que julga afrontar a todos com o seu luxo desastrado.

Ridiculo, méramento ridiculo.

Devo aqui dizer que nenhuma originalidade deseja ter esta mi-

FOSFOREIRA DE PAREDE

(Barro e desenho
de Soares dos Reis)

nha apreciação. Já de ha muito tempo que um ou outro portuguez se revolta de quando em quando contra a inconsciencia dos nossos artistas na obra de restauro do mobiliario, e não só nesta como na do restauro de quadros, edificios etc. Vozes perdidas, emquanto o constructor da mobilia d'arte não receber ensino completo e bem orientado nas nossas escolas especiaes.

Não se sabe porem quando isso será. Mas não desesperemos.

A vida portugueza é lenta, falta de brilho, de relevo. As nossas expressões estheticas, sempre atrasadas com relação ao movimento europeu, revelaram em nós, quer na phase ethnographica, quer na erudita, uma grande necessidade de excessos de ornamentação. O manuelino representa fielmente esse modo de ser mental; Rafael Bordallo Pinheiro, ceramista, continua a afirmar as mesmas tendencias; a nossa litteratura resente-se ainda das redundancias Gongoristas; o mobiliario ironicamente denominado *Luiz 1.º* obedece tambem a essa necessidade de excessos decorativos. Como vêmos, em diversas artes revela-se um mesmo modo de ser mental porventura ingenito, mas sem duvida alguma denunciador da falta de uma cultura valiosa. Lentamente, como costuma acontecer, sahiremos d'esse estado sub-consciente para nos elevarmos a um modo de sentir mais levantado e consciente. Assim o devemos esperar. O problema é porem, de sua natureza, muito complexo e de difficil solução. Esta, para se radicar e firmar no solo portuguez, carece de derivar directamente de dados tradicionalistas, de ser obtida por evolução e não por salto brusco, por introducção brusca de elementos extranhos.

Como consegui-lo?

Comecemos por observar o que neste momento se passa nas nações cultas em materia de ensino das artes decorativas e, como disse no meu artigo anterior, transportemos para cá o espirito d'essas correntes mentaes.

Ant. Arroyo

Miguel Angelo
Enrico - Preghiera
Agitato
Col canto
Larghetto
Deh stendi l'ali candide

Ensino secundário da Matemática

O **processo** da representação gráfica das variações duma quantidade, função de outra, é duma vantagem imediata no ensino secundário onde deve substituir demonstrações, rigorosas sem dúvida, mas, a maior parte das vezes, vazias de todo o sentido para os principiantes em matemática. A necessidade da discusão dum método ou de demonstrações dadas, é melhor que o aluno a *crie* do que decore as razões que levaram os matemáticos a esse rigôr de que só eles compreendem bem a importância.

A lógica deve aparecer como realmente apareceu. Já se admite que no curso complementar, como aliás o recomenda o programa, se analise com um certo criticismo o método lógico empregado na demonstração dum teorema; no curso geral, porém, deve ser a intuição, mesmo a experiência em certos casos, recomendada em especial.

Laisant diz a respeito do ensino da geometria:

"Para o ensino da Geometria procede-se, ha já seculos, poderia dizer desde os gregos, segundo um método fatigante, anti-racional, que desgosta e desanima os estudantes principalmente os que começam„. [1]

Referindo-se depois à tentativa de Méray constata como o espírito rotineiro do ensino da matemática se defendeu á *outrance*, de modo que só passados trinta anos é que as novas gerações, ensinadas nas escolas normais, o impuzeram de vez. Em Portugal são raríssimos os professores que se deram ao trabalho de estudar essa geometria; mas em compensação não falta quem saiba declarar o método nulo, ilógico e absurdo como se vê todos os dias quando se assiste á comparação dos compêndios adotados para essa disciplina.

Mas, continuando com o método gráfico, afirmo que ele prepara admiravelmente para o estudo da geometria analitica e até para a nitida compreensão do emprego da matemática nas outras sciências.

Assim a física tem demonstações elementares simples quando recorre a esse método, e que seriam duma grande complicação sem ele.

Embora o programa o não recomende com especialidade, a verdade é que uma grande parte das matérias a que são obrigados os alunos, pode ser facilitada com o seu emprego.

E note-se que, pelo seu uso, *vendo-se*, por assim dizer, o desfilar das operações ele se presta admiravelmente á abstração. Passar dum fenómeno (em física) para uma curva já não é pequena abstração, tratar depois a questão matemáticamente exige o conhecimento

(1) Iniciação Matemática.

de elementos que a lógica não sugeria tão facilmente como o faz a representação geometrica...»

O que aí fica, foi escrito em junho de 1910, na dissertação, por mim apresentada quando aluno do Curso Superior de Letras.

Este ano pude ver os resultados que esse método produz, seguindo-o, tão de perto quanto me permitia o programa, na regência da matemática da sétima classe dos liceus. Creio que, num programa que queira ser útil, a noção de coordenadas, tanto cartesianas como polares, deve estar nos primeiros anos dos liceus, e que as funções goniométricas devem ser postas na geometria logo a seguir ao estudo da semelhança. Evidentemente que não quero que aí se estude a goniometria tal como ela está feita actualmente, mas que as definições e relações mais importantes aí sejam dadas. Isto além de facilitar o estudo, habitua-os á terminologia que é o dragão da matemática.

Passemos agora a mostrar como esse processo lembra o caminho a seguir na teoria dos números. Tomando uma semi-reta fixa e um segmento para unidade, podemos a qualquer número fazer corresponder um ponto sobre a semi-reta.

Deste modo éramos levados a perguntar se só aqueles pontos da reta é que tinham números que lhes correspondessem ou se qualquer outro ponto podia ser substituido por um número. Daí a necessidade de criar os números fracionários e irracionais que tinham a sua explicação necessaria na *continuidade geometrica,* e os negativos que aparecem com o complemento da semi-reta, havendo, pois, a necessidade de fixarmos por um sinal qual o sentido em que devemos tomar o ponto.

Um ponto do plano podia ser representado por um número (módulo) e por um ângulo (argumento) ou ainda por um sistema de dois números desde que considerássemos duas retas fixas perpendiculares (eixos coordenados). Deste modo os números correspondentes aos pontos dum plano eram formados por um sistema de dois números já conhecidos ou pelo modulo e o argumento (r_θ) ou por dois números referidos a unidades distintas (unidade positiva e unidade imaginária).

Defini depois a egualdade destes números pela correspondência do mesmo ponto, sendo, portanto, necessária a igualdade separada dos dois números reais que entram na sua formação ou a egualdade dos módulos e os argumentos ligados pela relação:

$$\theta = \theta' + 2k\pi.$$

onde k é inteiro.

Definidas as funções goniométricas, via-se imediatamente que

$$r_\theta = r\,(\cos\theta + i\ \mathrm{sen}\,\theta)$$
$$= r\cos\theta + ir\ \mathrm{sen}\,\theta)$$
$$= x + iy.$$

A seguir vinham as operações com estes números, tendo particular importância a multiplicação que expus da seguinte maneira:

Defini produto de dois números o *número que se forma do primeiro como o segundo se formara da unidade positiva.*

Assim dados os números r_θ e $r'_{\theta'}$ o seu produto forma-se r_θ como $r'_{\theta'}$ se formou de 1. Ora como para formar $r'_{\theta'}$ á custa de 1 eu formo r' e depois lhe dou a ratação θ', assim devo formar R de r, sendo r' a unidade, quer dizer

$$R = rr'$$

e á rotação θ devo acrescentar θ' tendo, pois:

$$r_\theta \times r'_{\theta'} = (rr')_{(\theta + \theta')}$$

O que quer dizer que o produto de dois números é o *número que tem para módulo o produto dos módulos e para argumento a soma dos argumentos.*

Como a operação se reduz a multiplicar e a adicionar números reais, segue-se que todas as propriedades comuns ás duas operações se conservam e que a propriedade modular era 1_0, isto é a unidade positiva.

Daqui resulta imediatamente por ser $i = 1_{\frac{\pi}{2}}$:

$$i^2 = 1_\pi = -1$$

$$i^3 = 1_{\frac{3\pi}{2}} = -i$$

$$i^4 = 1_{2\pi} = 1$$

Posto isto vejamos agora como reduzimos fácilmente o estudo da Goniométria ao estudo puramento algébrico.

E' claro que um dos teoremas fundamentais é o teorema de Pitágoras que agora nos serve para definir modulo e do qual se deduz imediatamente que

$$\text{sen}^2\alpha + \cos^2\alpha = 1$$

O teorema da *soma* resulta imediatamente de compararmos os produtos dos imaginários

$$z = \cos\theta + i\,\text{sen}\,\theta$$
$$z' = \cos\theta' + i\,\text{sen}\,\theta'$$
$$\cdots\cdots$$
$$z^{(n)} = \cos\theta^{(n)} + i\,\text{sen}\,\theta^{(n)}$$

que se pode obter pelo modo já dito, dando

$$z.z'\ldots z^{(n)} = \cos(\theta + \theta' + \ldots + \theta^{(n)}) + i\,\text{sen}(\theta + \theta' + \ldots + \theta^{(n)}),$$

ou em função dos *sen* e *cos* dos ângulos parcelas, em virtude das propriedades da multiplicação que vimos subsistirem, mudando no resultado i^2 por -1.

Creio que esta fórmula nunca fora estabelecida por este processo, tendo-se no entretanto, *dada a fórmula*, resolvido o problema da multiplicação pela comparação das potências do imaginário

$$\cos\theta + i\,\text{sen}\,\theta$$

obtidos pela fórmula de Moivre e pela fórmula de Newton.

E' claro que isto foi sempre acompanhado da intrepretação geométrica, garantia única de que era acompanhado de algum modo por todos os alunos e não só por aqueles que possuem um temperamento analitico invulgar.

Augusto Martins

NOTAS E COMENTÁRIOS

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

O Regresso ao Paraiso por *Teixeira de Pascoaes*. — Edição de "A Renascença Portuguesa„ — 1912.

Só o grande e enternecido enthusiasmo, com que o ultimo livro de Pascoaes alvoroçou a minha alma, me obrigaria a escrever, desde já, sobre a obra. No meio de cuidados multiplos, falta-me o tempo para sêr tão completo quanto o poderia ser. Além disso é um atrevimento falar sobre a *mais alta obra portuguesa* após uma unica leitura. Quantas belesas ocultas não terá ela ainda para os meus olhos!

Falemos do que ha de diferencial nesta obra, daquilo que representa a atitude divina do Poeta.

"O Regresso ao Paraiso„ é o ponto culminante da poesia de Pascoaes. As sombras encontraram o perfeito acordo com a luz, as emoções directas casaram-se docemente com as emoções de ordem especulativa, de modo a dar uma obra completa e harmonica.

A visão em luz directa imediata e integral, que só mostra as superficies, precisava que o pensamento envolvesse formas destacadas para receber desse assedio a sombra precisa, em movimento de profundidade. O Poeta via a belesa espontanea erguendo as corolas scismaticas no espaço circundante. O pensamento envolvia cada flôr, e só então a corola projectava a sombra, onde a raiz bebia o aromatico sêr. De forma que a visão do Poeta crescia numa claridade envolvente desde os confíns do horisonte, parando por vezes, para num movimento local se entranhar na profundidade da sombra. Agora essa claridade vem das intimas profundidades e dos grandes longes; e, em cada ponto, a luz é a propria vida espi-

ralada em ascenção e expansão, em Deus e humanidade. Se o proprio movimento divine move o Poeta, a luz excede-se, porque Deus é um permanente excesso, e é da *Altitude* que a Vida olha a superficie e a profundidade. Eis o motivo intranho, porque criadôr, da *Obra.*

Essa *Obra* seria uma absoluta metafisica, integral e defenitiva; e é-o.

Essa *obra* seria o movimento divino e, por isso, a Luz creadôra, explicando todas as entranhas; e é-o.

Da altitude seriam avistados todos os contornos, e, em Deus, o motivo da caricatura. Pascoaes vê a caricatura, que é o excesso do divino creadôr sobre o material (abrangendo a materia humana) creado.

D'aí a ironia metafisica que Pascoaes *criou.* As grandes ironias tragicas da literatura metafisica tem sido apenas *blasfemias desesperadas* ou *gargalhadas cinicas.*

Pascoaes encontra a unica e verdadeira caricatura, que fica para além da caricatura anedotica, mero processo de pedagogia social.

Estes sam os pontos essenciaes da *Obra,* que a mostram um momento eterno.

A *Obra* é um momento eterno da alma portugueza, porque uma voz portugueza só poderia encarnar o divino em formas da alma maternal. Mas não se pense que um exclusivismo de raça poderia têr realidade e verdade para o Poeta. A alma da Raça é, para o Poeta, no proprio movimento de excesso divino. A dialectica intranha, emotiva e creadôra da realidade é a *Saudade,* forma lusitana da Creação. Pela boca verde negra das nossas arvores, pelo silencio de intimos murmurios dos nossos rios, pela anciedade, desolada ao de fóra, fremente no intimo, das nossas montanhas! A *Saudade* (o concreto daquela abstracta remeniscencia de Platão) é a alma humilde, bondosa e simples do nosso Camponio que ama as arvores, a familia, o arado, os bois, a recordação permanente dum lar cujo abandono é a propria morte (o horrôr á vida militar, a angustia da emigração, etc.) e a permanente evocação dum espirito acordado e activo, que é o Senhor Deus das seáras, dos milheiraes e das vinhas, que é a Serenidade e a Alegria, e a Tragedia, e a Sombra e o Mêdo.

Do alto das Montanhas, dentre a sombra da noite negra e dos pinheiros em nocturnas marés, o nosso Camponio acorda os longes, mortos para a lembrança das almas idas, que *pedem* e *dam* a assistencia das almas que ficaram a cavar e a sonhar.

Pascoaes, que até aqui tinha sentido as sistoles e diastoles locaes do coração dos sêres, é agora a diastole do grande Coração divino. As sêdes parciaes vam sêr apagadas, porque é esse *Coração* a propria fonte originaria das Aguas.

Onde os regatos serpeavam *palpita* a grande, a eterna *Fonte.*

E as aguas do seu Tamega; e as aguas das sedes domesticas; e a maternal agua originaria que dá ao trabalho o suor do sacrificio; e a agua, lagrima humildade, lagrima diluição d'alma, lagrima dôr maternal; e a lagrima saudade do Homem (de Adão) sam tão sômente aquela Agua coração divino, eterna diastole de enternecimento, dedicação, heroismo, esforço, gloria.

Camões deu a Portugal a sua alma de aventura heroica, deu-lhe os "Lusiadas"; Antero deu a Portugal o sacrificio do seu santissimo corpo para que Portugal comungasse a sua alma *de certeza,* pela divina Tragedia de novo libertada das hesitações, das duvidas e das angustias materiaes; Junqueiro *abre* os olhos a esse gigante cego, debruçado numa impossibilidade secular sobre os "Lusiadas" indecifraveis; Pascoaes dá a esse povo a sua alma integral e purificada, no fóco divino imanente, a sua alma de *Saudade,* isto é, de cristianismo intranho, de cristianisação inexgotavel, sem fim e sem *morte.*

A *obra* é o eterno, o perfeito, o unico Drama. A vida é liberdade; é, por isso, mal e bem; é, por isso, eterna mobilidade da exaltação divina.

O criminoso tem *terceira pessoa;* Deus é tambem a trindade, pois Deus é a condição do Drama. Essa terceira pessoa excede o criminoso, essa terceira pessoa excede Deus, em Deus.

Olhos mortaes da Materia na vossa pupila misteriosa brilha recondita chispa espiritual; é a terceira pessoa alvorecendo a nova vida, a mobilidade divina soerguendo a vossa inercia material!

Oh meus amados portugueses do Campo, oh perdidas almas hesitantes, alvorece a nova luz!

ÁRVORES DE PORTUGAL — Cepo de carvalho

(De Cervantes de Haro)

Olhae o Oriente e haveis de vêr os sinaes precursôres do *Deus Infante!* Ele caminha sobre nuvens de luz! A vossa pupila ainda não retem essa luz de fluxo em vertigem d'amôr!

Mas olhai as alvoradas, preparai os vossos corações que Deus volta das brumas do passado sonolento e volta rejuvenescido e todo mudado. Olhai a sua côr inedita! Aquela frescura aprilina dilue todas as falsas tristesas do desanimo. Olhai a sua melancolia feita de vida e não de morte; é a melancolia da *Saudade*, que é tam só a concentração do Espirito aprehendendo-se no drama da sua essencia. E' D. Sebastião que volta!

O que ele aprendeu!

Esteve em encantamento divino. Ele viu o coração dos *infieis*, e, cheio de assombro e de pavôr, viu-lhes uma alma cristianissima. Já não entende a guerra! Que lindos contos de fados sabem os *infieis*, e que dedicação e delirios misticos eles não possuem!

Fraternidade é a palavra do Deus Infante, do D. Sebastião *redimido!* Ele aprendeu Portugal no exilio, e traz do exilio a sua alma aos portuguêses sem animo. Esse exilio ensinou-lhe que o homem é o eterno exilado de si mesmo, se em si mesmo não acende Deus. No exilio aprendeu a perfeita bondade, porque conheceu o intimo da vida.

E ele volta para Portugal, porque Portugal é agora o Universo.

Tudo será perdoado, porque o Deus Infante é português e tudo fraternisa nesta lingua de silencio, de intimidade imediata, de amor acêso no proprio coração divino. E o Deus Infante não pode esquecer-se em egoista contemplação de si mesmo, porque o Homem está ao nivel de Deus e sabe falar-lhe de egual para egual.

O Amôr, isto é, a linda Inês não mais temerá o mal, porque a terceira pessoa do criminoso saberá lembrar ao Deus Infante que, sendo a victima a livre alegria e o criminoso o escravo da tristesa,

"A letra de meu Pae é indecifravel...
Suas divinas mãos já lhe tremiam
Quando escreveu outrora a alma humana!..."

Alvorece a nova Religião, a alma portuguêsa vai possuir-se em Deus.

Que todos os poetas (e nesta expressão envolvo-me e envolvo todos os *vivos)* estudem a *Obra;* e a Biblia lusitana, tornada vida universal no absoluto, será no contingente, *renascimento* de Portugal.

Não digo mais nada. Se quizesse chamar a atenção para fragmentos do livro seria criminosamente estupido. O livro é uno e perfeito.

Leiam-no, e amem-no porque a si lêem e a si amam.

Môços portuguêses!

A vós me dirijo neste momento em que os velhos sem alma se gastam em obras de Morte.

Vinde ao Poeta, vinde a nós que vos amamos, e sereis os apostolos do Deus Infante, redentor do Universo e alma de Portugal!

Leonardo Coimbra

A plein Vol por Philéas Lebesgue

Principiemos esta breve noticia sobre a obra do meu mais querido poeta francez, por estas palavras de Auguste Gaud: "Nest-ce pas un merveilleux espectacle de Beauté que nous donne Philéas Lebesgue, le poète laboureur de la Neuville—Vault, auteur de dix volumes tres remarquables, et dont quelques-uns comme *l'Au-Delá des grammaires, Aux Fenêtres de France* e surtout cet émouvant recueil de vers, helas trop peu connu, et qui a pour titre: *Le Buisson Ardent,* suffiraient s'il existait encore en France une critique littéraire digne de ce nom—á établir définitivement la reputation d'un ecrivaint et d'un artiste."

Philéas Lebesgue, pela raça normanda a que pertence e pela vida rural, em casamento com a terra, que ele vive, é dos actuaes poetas franceses, o mais sincero, isto é, o que põe mais vida e emoção nos seus versos. Bastaría isso para o tornar amado dos portugueses,—povo que não perdeu ainda o que ha de saudavel na

barbarie, vivendo mais pelo instincto emotivo do que pela fria, artificiosa inteligencia.

Mas Philéas Lebesgue é-nos ainda querido pelo amor que dedica ás nossas letras. O pouco conhecimento que lá fóra ha da nossa literatura, deve-se, em grande parte, ao ilustre Poeta do *Buisson Ardent.*

E esta sua simpatia por nós e esta nossa simpatia por ele, nasce do *parentesco celta* que nos prende. Falemos do seu ultimo poema *A plein Vol!* O título o demonstra — é o Canto da nova epopêa Franceza!

Depois da conquista dos Mares realisada pelos nossos antepassados, a Conquista do Ar, que a França está realisando, representa o maior esforço victorioso do Homem.

Ás velas das nossas naus deram agora os franceses a ligeiresa da Asa; libertaram-se dos mastros, e ei-las voando, através do ceu, em busca d'uma outra India . . A Caravela Lusitana transformou-se na Ave Franceza.

O novo poema de Philéas Lebesgue é um canto heroico da nova Aventura da sua Raça imortal. Dado o temperamento d'este admiravel Poeta, compreende-se que ninguem como ele, em França, possa cantar a Heroicidade dos Gauleses. Não é a religiosidade celta que dirige os aeroplanos através das nuvens e cada vez mais proximo dos astros?

Philéas Lebesgue é a alma celta cantando e lavrando no seu ninho natal da Normandia. Só ele poderá cantar o Vôo, a Aza, que hoje anima e eleva todo povo francez. O seu admirável Poema *Á plein Vol:* demonstra o que affirmei.

Teixeira de Pascoaes

Outras obras recebidas:

"Gente Pobre„ — João Grave — Edição da Livraria Chardron.
"Moral da Natureza„ — Deshumbert, tradução do dr. Vieira Filho — Edição da Livraria Chardron.
"Politica republicana em Materia Ecclesiastica„ — Alberto Xavier.
"Mulheres, não procreeis„ — Teixeira Junior — Edição de Gomes de Carvalho.
"A nossa casa„ — Severo Portela — Edição de Gomes de Carvalho.

SECÇÃO BRASILEIRA

ATTRACÇÃO DA TERRA [1]

(Continuação da pag. 121)

— Onde é que ocê foi, diabinho? Ocê não toma emenda? Eu já não disse que não te quero lá fóra, de noite? Já p'ra dentro! Empurrou-a. A pequena tropeçou na soleira e, desamparada, rolou de borco aos pés do pharoleiro, chorando. O homem levantou-se de golpe, estendendo o braço a defender a filha:

— Deixa ella, Maria! A cabocla, enfurecida, explodia ameaças, mostrando o tamanco que tirara do pé. Deixa ella! insistiu o homem levantando a criança. E, sentando-se, acolheu-a, alisando-lhe os cabellos humidos, afagando-lhe o peito ripado sob a camisa fria. "Olha só como ocê tá molhada! Tua mãi tem razão. Vai mudar essa roupa.„ Mas a pequena agarrou-se-lhe mais ao pescoço, com medo.

(1) Do livro "Banzo„, a sair da Livraria Chardron.

O mar á noite é perigoso, minha filha. Tua māi tem razão. Ocê não vê a gente aqui com o pharol acceso? para quê? para que os navegantes vejam os perigos do mar, á noite. Qu'é qu'ocê foi fazer lá em baixo? A pequena sussurrou:

— Fui botar o dia fóra.

— Hein? Como é? Botar o dia fóra!? Que dia?

— O dia d'ali, da folhinha.

— P'ra quê? Ella tartamudeou palavras inintelligiveis. Elle insistiu:

— Como é?

— P'r'o tempo passar mais depressa mod'eu ir lá em terra. O pharoleiro não conteve o riso.

— Pateta! A cabocla resmungava á beira do fogo escaldando, aos sacolejos d'agua, o sacco de café; e o homem, muito meigo, mas dando á voz expressão terrifica, aconselhou: — Isso não se faz, minha filha. O dia ainda não acabou. A gente só tira o papel da folhinha de manhan, com o sol novo. Ninguem toma a dianteira do tempo, é peccado, Nosso Senhor castiga.

Á idéa de um castigo de Deus a pequena vibrou num estremeção violento e esgazeada, boquiaberta, num grande medo supersticioso, abraçou-se com o pai afundando o rosto no peito robusto a que se achegara. E chorava, pensando com arrependimento: "Se pudesse apanhar a folha que lançara ás aguas, com o dia ainda vivo... Se pudesse!..."

Recusou a ceia de café e bolacha e, deitando-se, não pôde conciliar o somno, torturada pelo remorso daquelle peccado.

As ondas fragoravam no silencio e o estrondo escachoante aterrava-a e commovia-a como se fosse o agoniado gemer do dia a debater-se no mar.

Os pais recolheram-se. A lamparina ficou sobre a mesa vasquejando num tremer de sombras.

Revolvendo-se na cama, insomne, com o coração em estúos, o ouvido attento, escutava estarrecidamente os rumores nocturnos. O crebro bater da porta ás lufadas do vento fazia-a tremer!...

Cobriu a cabeça e, encolhida, com os joelhos no queixo, immovel, poz-se a rezar. Por vezes, num uivo de tortura, o vento enchia a noite de angustia. Mas andaram na sala; o pharoleiro pigarreou, tossiu. Houve um tinir de louça. Abriu-se uma luz mais clara. Então, repelindo a coberta, Sára sentou-se e, em voz surda, estrangulada, chamou o pai. O pharoleiro acudiu, agazalhado em grosso casacão, um gorro de lan enterrado até ás orelhas.

— Uai! ocê tá acordada?

— Que horas são?

— E' quasi meia-noite.

— Ainda não é amanhan?

— Ainda não.

— Está custando tanto!... E se não amanhecer mais, meu pai?

— Como se não amanhecer? Ocê tá sonhando?

— Papai não disse? Por causa do dia que eu botei fóra, ainda vivo?

— Ora! Accendeu o cachimbo. Dorme, deixa de medo. Fel-a deitar-se, cobriu-a. Nosso Senhor perdôa por esta vez. Mas não faças mais, ouviste? Dorme.

E, tomando a lanterna, foi-se vagarosamente para revezar-se com o Bruno, lá em cima.

Sára dantes irrequieta e afoita, destemerosa nas abaladas pelo ilhéu, ás ribas e penhascaes, algares e cafurnas retrahiu-se em temor desde essa noite. Mal sahia ao remonte fronteiro á casa de onde olhava o mar azul ao sol ou d'um verde sujo nos dias brumosos quando as gaivotas revoavam mais assanhadas, ás voltas nos ares fuscos ou rastejando a espuma. Ali ficava contemplativa, abstraida em scismas de tristeza.

Emmagrecia a olhos vistos, sacudida por uma tosse rouca que lhe recavava o peito.

Ás vezes deitava-se numa molleza flacida, com a cabeça a doer, a bocca secca e acre, uma sensação de calor em todo o corpo, como se estivesse ao sol. Chorava sem causa, em crises repentinas e, com medo de que a vissem, descia ás furnas, enlapava-se e, na solidão sombria, as lagrimas corriam-lhe dos olhos em silencio.

Dezembro estava a findar, radioso e quente. O mar resplandecia d'um azul forte, retinto, broslado de espuma. O céu, sem uma nuvem — todo elle translucido de fimbria a fimbria, com o sol em disco enorme e coruscante, refulgurava. Madrugadas e crepusculos eram maravilhas de serenidade e cor.

Na tarde de 31, ao fim do jantar, o pharoleiro, que olhava os longes, falou da demora do barco das provisões. E a cabocla, já preoccupada com o facto, resmungou: "Bem se importam eles com a gente. Estão em terra, têm tudo... Mez de festas, ora! Os mais que se arranjem„. Bruno não disse palavra, fumando. No silencio a pequena falou timidamente:

— E a folhinha que está no fim... já não tem para amanhan.

— E', disse o pharoleiro com indifferença... O anno está acabado, graças a Deus!

— E o outro? perguntou Sára de olhos muito abertos.

— O outro? O outro ha de vir...

— Se elles chegarem, ajuntou ela com melancolia presaga. A' noite, antes de deitar-se, ainda ouviu a mãi alludir ás festas do Natal em terra, recordar os bailados pastoris, a visitação dos presepes, os ranchos de Reis, toda a suave poesia do mez santo. E ali, ali o mar, o mar deserto, infinito, e o céu mudo. Lá para as tantas, estridores despertaram-na — o quarto rugia aos esbarros da Porta. Pelas frinchas e abertas entravam livores de relampagos e a casa aquecia em um abafamento asphyxiante.

Sentou-se na cama. Houve um estrépito de raio e logo, com furioso estardalhaço, a chuva bateu nas telhas em um estrondar de pedradas.

A cabocla saltou da cama espavorida, correu descalça á mesa e, tomando a lamparina, foi collocal-a na commoda, diante da imagem do Senhor dos Passos.

Outro estrépito estalou e toda a casa reluziu ao clarão palido. Golpes de vento abalavam as vidraças, pannos lufavam nas cordas agitando sombras tragicas e as vagas estrugiam investindo ao ilhéu, ouvia-se-lhes o embate violento e, em seguida, no desmanchar das aguas, o ruido fervente das espumas que se esparramavam alagadoramente. Trovões detonavam, ribombavam rolando em repercussão profunda.

Os dois homens lá estavam em cima, no lanternim da torre, illuminando o mar aspero.

E a chuva cahia torrencial, ás rajadas, com a furia de trombas d'agua que rebentassem sobre a casa.

Sára, encolhida, rezava, não por si, mas pelos que vinham da terra, pelos que deviam vir sobre as vagas, no largo barco das provisões, trazendo os dias do anno novo. E se não viessem, e não chegassem a tempo com a folhinha, como viria o sol? Tremia, batia os dentes e lá fóra, á borrasca furiosa, o mar esbravejava. E se elles houvessem naufragado? Que seria do mundo sem sol? "Nosso Senhor nos salve! Nosso Senhor nos salve„.

A cabocla vestiu-se estabanadamente, embiocou-se no chale, foi ao armario e, tomando alguma coisa, caminhou direita á porta com um bater sonoro de tamancos. Teve um momento de hesitação medrosa, mas, resmungando, persignou-se e, decidida, deu volta ao loquete, passou através de uma lufada e, mettendo a mão pela abertura por onde o vento esfusiava, fechou a porta.

Sára tiritava, batia os dentes. Sentou-se na cama retranzida, retorcendo as mãos. Tentou levantar-se para seguir a mãi ao pharol, ficar lá em cima, no meio da gente, olhando o mar alumiado, descobrindo, talvez, o barco, mas tremia tanto e a noite estava tão escura!...

Desceu de vagarinho. Um trovão explodiu violento, estatelando-a no meio do quarto. "Minha Nossa Senhora!„ Correu ao canto onde se achava a folhinha, olhou-a de longe, com medo; adiantou-se, apalpou-a, quiz levantar a folha do ultimo dia que estava collada ao papelão. Insistiu cautelosa, mas não evitou rasgar um pedaço da margem, levantou-a, conseguiu destacal-a e o fundo appareceu, branco e vasio. Era o fim.

E o sangue bateu-lhe no coração oppresso, constrangiu-se-lhe a garganta em um arroxo de estrangulamento. Quiz gritar, correr para a porta, fugir... Foi de encontro á cama, com a cabeça a zoar, os olhos em fogo, flammejando ascuas.

O quarto alumiou-se em um instantaneo fulgor. Um estampido fremiu, outro logo mais forte, como se o ceu houvesse rebentado.

Dirigia-se á porta, quando um ruido estranho repercutiu lá fóra. Clareou de

novo, em luz funebre. Seriam elles? Deviam ser, com o sol. Os relampagos abriam-se tão seguidos como luz tremula que o vento agitasse como fazia á chamma escassa da lamparina. Era o sol que vinha pelas aguas tempestuosas, subindo, descendo nas vagas roleiras.

Envolveu-se no cobertor, correu á porta, deu volta ao loquete. O batente, escancarando-se com o impeto da ventania, levou-a á parede. A lamparina apagou-se.

A chuva grossa escachoava, em bátegas, na sala. A pequena ficou diante da treva recebendo no corpo as rispidas cordas d'agua e novo clarão, afuzilando o negrume, offuscou-a.

De impeto, como se a impellissem, lançou-se de ilheu afóra, através da tormenta.

Ao deflagrar dos relampagos o massiço emergia tragico, reluzindo, como uma vaga immensa toda envolta em espuma.

Sára não sentia a chuva — ia em frente, direita á riba de onde lançara o dia ao mar.

Escorregava em resvaladios, tropeçava em cristas, mettia os pés em cascabulhagem e, encharcada, com a roupa apegada ao corpo corria.

O oceano estrondava e quando, aos lividos clarões, as aguas reluziam negras, viam-se-lhes alambores de escarceus, altos, soberbos vagalhões emplumados de espuma, e longe, no brilho sinistro, o marouço encapellava-se conflagrado, arremettendo ao ilhéu precipitoso, desordenado, sotopondo-se uns a outros, e cavalgando-se rebentavam na costa saxea tonitruosamente.

Sára estacou num alto, chorando. O ceu abria-se de instante a instante em fulvas cicatrizes e tudo em torno, nuvens e vagalhões, flammejava em livor. Trovões estalavam com estrondo de catastrophe, fitas de fogo serpeavam. Era o fim do mundo! "Virgem Mãi do Ceu!„

E o sol? que seria feito delle? Pobre gente que o trouxera! E o ilhéo? lá andava tambem em pedaços no mar. Eram as espumas encapelladas que lhe pareciam crostas da ilha, boiando aos reboloes na borrasca. Não esperou mais. Na ancia desvairada de ver lançou-se, em delirio, pelas lombadas do escolho.

Subia ás rampas, descia aos vallados. Súbito, num relumbrar mais largo, teve um grito de triumpho. Lá vinha o barco! Lá vinha com o sol. Vira-o bem, num flagrante. Lá vinha! Eram os homens que traziam o livro do Anno Novo, as folhas de luz, as folhas de sol.

Escorregou pela encosta da escarpa, cahiu num vão, entre penhas, onde o mar raiava engasgado. Afundou na agua de chôfre e, antes que se pudesse agarrar a alguma aresta, a vaga, que subia, recuando em resorvo, arrastou-a.

Debatendo-se na profundeza, entalada entre bórdas penhascosas, escabujava, sentindo correr sobre ella o mar furioso. Ergueu-se tonta, desatinada, afflicta, arrevessando golfões d'agua, com os cabellos empastados no rosto.

Aterrada, em agonia, agarrou-se á pedra — outra vaga arrancou-a, embrulhou-a, levou-a aos rebolcos e encontrões pelas bordas do rochedo, atirou-a á penha e trouxe-a de reboleio, deixou-a varada numa chanfradura. Ainda um clarão, ainda um ribombo. Ia gritar, mas outra vaga passou, tomou-a, levou-a acima, trouxe-a de rasto e assim, durante a noite, o corpo andou naquella redouça d'agua, acima e abaixo, no vallo ao rythmo dos vagalhões.

Pela madrugada abonançou, o vento cahiu, o mar, aiuda crespo e lúrido, arrufado de espumas, rolava grosso. As nuvens corriam ao vento, o céo foi limpando-se em rasgões de azul e um sol triste appareceu, brilhou um instante, sumiu; reappareceu, ainda o cobriram nimbos até que surgiu livre em campo azul vivido, resplandecente, espalhando no ar e nas aguas e pelo costão do ilhéo a claridade e o calor do novo dia.

Tres vultos iam e vinham por alcantis e algares bradando desesperadamente. As gaivotas celebravam em vôos barulhentos a volta do bom tempo. O mar ia ficando azul, e no fundo do vallo ia e vinha na mareta o corpo da pequenina que não vira o sol novo e a terra verde além do mar, além do céu, além!

Coelho Netto

(A Coelho Neto)

Pelos seus tempos de guardar cabras e de mungir o leite claro com a caricia das zagalzitas de Gessner, Carolina Augusta tinha singelezas d'eclogas nos olhos e ingenuidades de virgem biblica no coração. Tinha um rosto viçoso como o folhado dos corgos, corado como o induto das pútegas, e que só os sóes e os luares, por serem castos, attingiam e beijavam. Tinha, consoante toda a serrana que se prezava, uma voz forte, com liga d'ouro, para afugentar os escolhos e os máos pensares. E tinha tambem, quando a rosa dos sonhos se lhe abriu ridente e perfumada, os seus amores donzeis e immateriaes.

Agora não tem nada d'isso, tudo se lhe crestou com o fogo da sua vida corrupta e com o passar da inverna aniquiladora. E ainda por cima é uma fugitiva da justiça, uma cheia de fome, uma ladra, que ora se esconden este matagal, ora naquelas lapas, ora apparece a pedir um caldo, ora a pilhar uns fructos.

Tinha tanto medo da enxovia! Ai, ella era tam gelida, tam horrenda!... E o seu crime — que falassem as bôas consciencias — nem por isso dava vulto para a merecer.

Mas como chegou a desgraçada a isto? Como quasi todas as desgraçadas que sáem das suas serras limpidas e vão para urbs remelosa.

Os paes, uns endividados, sem nada de seu livre, puzeram-na a servir em Braga, em uma casa cujo dono, abarrotado de fortuna, havia chegado ha um anno da Africa.

Antes d'ir para lá, verteu lagrimas como vide golpeada, a pedir á mãe (a mãe sempre tinha mais coração que o pae) que não lhe désse tal desterro. Desterro do seu monte, onde, por entre as flores vivas dos giestaes e sob o céo que ia da montanha ao mar, havia medrado e florido o seu corpo, visionado e rido a sua alma; desterro do seu gado brincalhão, do conversado querido, da casa em que nasceu.

Para compensar a sua ficada, seria moura de trabalho:

— Minha mãe, deixe-me ficar aqui, que eu trabalharei dia e noute, farei todo o serviço: irei p'ró monte, p'ró campo, p'r'ó tear!

— Não pódes ficar, filha. E eu bem o queria. Mas é preciso, ires, e depressa, de contrario o senhor de Braga bota outra. E isto seria um grande mal. Tu bem sabes que os cordões, os brincos, a casa, a leira, tudo, tudo está empenhado. Que ha de ser de nós se não nos ajudares?

Teria de partir logo... Não conseguiria nem ficar para a pisa. Entretanto, como havia reinodio pela pisa!...

Corriam meiados de setembro. Os lavradores mais passados em annos abriam os seus calendarios de faunos subtis e sentenciavam o tempo para a primeira arremettida d'escadas e cestos á vinha de ambar a amethista; logo depois chegava o despejar das dornas coguladas de cachos borrachudos nos logares quadrilateros. E emquanto os bois possantes levavam essas dornas nos carros chiadores, cantigas subiam ao ether como cotovias, risos morriam entre as ramadas espessas dos pampanos, gritos zimbravam a toalha do sol refulgente como pedraria rajáesca — para, tudo ennovelado, correr uma lufada sussurante de vinhedo em vinhedo, como um éco das velhas dionisiacas.

Carolina, ao ouvir estes preludios dos dithirambos ao baccho moço, sente as juntas empedernidas, os pés pregados ao solo natal. Mas a mãe agarra-a, sacode-a como a um galho cheio d'ouriços arreganhados, préga-lhe de novo a necessidade; e ella, em uma manhan daquelles dias jucundos, lá teve de seguir, trepidante, a enxugar lagrimas ao mandil.

Oh! e que martirio ao transpor o povoado. Aquillo encontrou gente por

toda a parte, gente amiga que chorava a sua magua, a sua ausencia, e teve de abraçar a todos. Para mais, lá encontrou o Antonio, o seu amor, que passava de levar o gado ao campo. Como se lhe feriu o coração ao dizer-lhe adeus!

Quasi suffocou. E que abraço lhe deu: parecia que os seus braços se haviam encrustado no peito d'elle!...

Pela tarde chegava a Braga.

Pouco antes, ahi pelas portas da cidade, a mãe, que a levava para ajustar o aluguer, animou-a muito, mergulhou-lhe o desejo em um lago paradisiaco.

— Alegra-te, Carolina, que tu caminhas p'r'a felicidade. Pensas que vaes ter uma sombra sequer da miseria de lá de casa? Qual. Dentro de pouco tempo terás botas catitas e geitosas, em vez desses sócos brutos que tanto te brilham; aventaes brancos e brunidos como a sobrepelliz do snr. abbade; saias de panno de moeda, com barra de velludo, e arrecadas das mais grossas... Uma riqueza, filha, p'ra pôres de cara á banda, ao voltares, as raparigas da nossa terra. Verás.

E assim, quando se apresentou á dona da casa que ia servir, já não tinha mais a nostalgia e a saudade a remorderem-n'a, já lhe não zuniam mais aos ouvidos as festas tonitruantes da vindima.

Os primeiros tempos passa-os a creada serrana sem canceiras, muito feliz por esse encanto de vida, um consolo de alma que a leva sempre a ajoelhar e a erguer as mãos postas para as benignas alturas celestiaes, um asseio brilhante a envoltar todo o seu corpo gracil de toutinegra.

Até que chegam arrelias, desgostos, chega uma inquietação redomoinhante, avassaladora, que lhe não deixa um segundo de allivio, que a persegue como um corvo maldito; e chega-lhe após a idéa de quebrar o contracto.

Porque? Por que o sr. visconde, seu amo, dá em lhe jogar galanteios, em a molestar com apertões, em lhe prometter grandezas futuras.

Grandezas... Ella bem sabia o que significava esta promessa...

Era uma negaça que visava arrebatar a sua carne morena e casta, ainda amornada do olor da sua amorosa serra distante.

Mas, electrica d'odios, tudo repellia.

Via-se a defeza encarniçada de uma honra que não queria periclitar, manchar-se. E que visão horrorosa, essa, de se ver resvalada, até se fundir no coval, naquelle infortunio!...

Comtudo, o sr. visconde é tenaz, convincente, argue como um judeu a extorquir juros; de sorte que as faces appetitosas de Carolina Augusta não conseguem fugir-lhe aos beijos. Dahi a render-se-lhe aquelle corpo immaculado foi um instante: bondaram umas luctasinhas crebas, das quaes o maximo castigo que resultava para elle eram umas deliciosas arrenhaduras da gentil arredia.

Depois, toda do amo, era de vel-a a tomar as dores por elle, quando os outros creados o feriam com a lingua envenenada; como, em um apice, amortecia todas as ingenuidades, todo o encanto simples; como se tornava uma dominadora no seu ambito, uma senhora de quereres, de ares citadinos.

Então, já não escreve aos paes, que elles são uns labregos de chapa, fartos de lamurias. E isto de lhes mandar dinheiro — tórôla! — nem mais um real: custava-lhe muito a ganhal-o e elles não o mereciam. Pois não a haviam abandonado em uma terra só de caras estranhas, sem o auxilio de uma mão amiga, a servir de chasco a todos (porque ella, naquelle tempo, era a cabreira que se sabia), e justamente pela vindima, dessa festa a que, como lhes pedira, tanto queria assistir?! E para quê? Para, durante uma mó de mezes, ganhar uma ninharia por mez! Bem sabia que isso não deixava de convir áquelles malandrotes, porque esse valor do seu suor ia servindo para desenterrar os cordões da mãe palerma que o pae borracho havia enterrado na burra do judeu, e para regabofe do pandulho de ambos.

Mas isso acabara-se! Nada. Que se contentassem com o que havia ido e já não era pouco. E isto de se deixar visitar pelos seus conterraneos, tambem não, que elles ou lhe levavam pedinchices dos velhotes, ou conversas cheias de asneiras, d'envergonhar uma pessôa.

Entrementes, o sr. visconde sacia-se della — com a mesma saciedade de um tigre depois de comer as melhores feveras de uma novilha rosada; e para se desfazer daquelle "já quasi estafermo", bastou atirar-lhe á cara, ao fim de certa questiuncula armada adrede, uma grosseira: Rua, rua, sua pécora!

Carolina Augusta não se tresmalhou, depois, da vereda do lameiro, em que, havia tempos, tinha vontade de se atular até ás ancas desenvoltas: o bairro das Travessas.

Ali se lhe detalham e purificam todas as subtilezas, todos os embustes da nova vida, ali conhece uma babel de castas d'homens: proxenetas em cujos olhos opados esfuzila perenalmente o cinismo dos sabujos; bordoleiros esqualidos, de trunfa flabellada sobre uma fronte de dois dedos, de naifa na bainha da calça em sino e aguardente na boca que geme fados e solta calão; arrieiros gebos, com murros em todos os gestos; cocheiros bulhentos, de loquacidade pardalesca; barbeiros patranheiros e cochichadores de tricas; caixeiretes floridos e pretenciosos; commerciantes arrotando fortunas fabulosas e de abdomen abobadado; fidalgos glorificados por façanhas inauditas em praças de touros; burocratas vinculados a sinecuras perpetuas; demagogos bajoujos; theologos piegas.

Em pouco tempo esta babel obriga-a a ir parar ao S. Marcos, em cuja cama esteve, por um triz, a entregar-se á morte.

Mas a alta chegou e foi para as Travessas um escanzello com o nome de Carolina Augusta, de cujo regaço, certo, jámais tornariam a recender as peonias da volupia.

O céo braguez, porém, faz milagres e é generoso. Dentro de poucos mezes enturgece a pelle bamba, de uma lividez de tocha, desse encanzello, offerece-lhe globulos novos de sangue ardente, dealba-lhe o collo, dá-lhe novo fulgar ás pupilas.

E assim concertada, Carolina tem outra vez os seus adoradores antigos.

Mas de subito, como por um bafejo venusto, o seu corpo é um contexto de beleza lendaria, as suas fórmas eurithmisam-se, ondulam a gracilidade dos lirios nos paúes: e ela, neste caso, conhecedora de taes graças, sóbe, arroga-se em uma Lais, arreda a escumalha dos adões, esparge o seu amor só pelos predestinados da riqueza e da arte.

Belo. Porque além de lhe desaparecerem as chronicas necessidades de outr'ora, veem-lhe dias de luxo requintado, vem-lhe ouro em barda para as suas mãos que dantes só conheciam a numismatica do cobre e da prata.

N'isto acontece que por um estio crestador, ha um exodo completo, abrupto, dos seus epicuristas para o Campo indigena e para o estrangeiro. Mas não se arrelia com isso: essa epoca passa-la-hia tambem fóra. E havia de ser na sua terra. Que diabo, os paes, apesar de ella os haver esquecido, com certeza não a comeriam. Ademais, levava bastantes libras, e, ao seu tlim sonoro, elles amançariam, fariam de féras ao ouvirem Orfeus. E o goso de uma viagem daquellas quebraria todos os espinhos. Só o caso d'ir fazer abespinharem-se as morgadinhas e a cachopada de lá com a esculptura victoriosa do seu corpo e com a magnificencia turbadora dos seus vestidos e adornos!... Qual dessas pategas — porque, afinal, toda a mulher que morava na aldêa era pratega — não teria o seu recalco de amor-proprio, não sentiria, confrangidamente, a sua penuria, o seu encolhimento ao deante della?

E partiu logo para a terra mater.

Os paes, ao ve-la entrar de subito pela sua casita dentro, tiveram o maior dos enleios, uma satisfação como jámais havia transbordado das suas almas. Se os pobres rudos já ha tanto tempo não sabiam da filha!... até haviam pensado — e quantas vezes — que estivesse morta!...

Porém, depois, limpos os seus olhos do resplendor emotivo, elles viram essa filha muito differente da outra filha, a Carolina Augusta; não viram sobre o seu corpo o menor resquicio da singeleza do traje serril, no seu rosto, um unico vislumbre da innocencia de outro tempo; viram uma mulher poderosamente bella, a irradiar tresloucamentos, a offuscar com a soberbia das suas galas. Quizeram perguntar-lhe de onde vinha ella, de onde vinha aquella riqueza de vestuario; mas não poderam abrir a boca.

Acharam-se logo mal ao pé della. Tinham tanta vergonha de a encarar!... Choravam a desgraça... E, todavia, foram elles os unicos culpados della, dessa immensa desgraça. Para que levaram a rapariga para a cidade, o fervedoiro das perdições?

E accusavam-se, torciam os corações de arrependimento.

A filha, por fim, tambem se achava mal ao pé delles. Não se sentia bem, coberta por aquellas telhas que, ao lhes bater a chuva, rufavam como tambores e

espargiam agua para dentro como hissopes; entre aquellas paredes toscas e aspadas por dezenas de pregos fuliginosos a sustentarem um amalgama de potes, oleografias de santissimos martires, almotolias, tachos; em vida com dois seres semi-barbaros, lardeados de pieguismos e em connubio com a sujeira da mesa de carvalho em que comiam e sobre a qual havia crostas da altura de patacos.

Desta arte, sáe, foge de lá, regressa á sua casa da cidade, casa que é um regalo de conforto e encantos.

Podia respirar. Já estava longe daquelle alfeire, daquelle aziume constante.

Mas cá pelo seu regalo tem, passado uma vertigem de gosos, o seu primeiro desalento. Foi ao praticar a simples extravagancia de se reflectir, desnudada, em um espelho.

Oh, como já tinha aquelle corpo! Não tinha mais o frescor do leite das cabras que ella ordenhara em pequena. Não tinha mais a ondulação dos trigaes da sua terra. Já emmurchecia em fundo côr de cêra velha.

Dahi, vêm os nervos impotentes, as raivas coriscantes. A seguir vêem-se os adoradores a despresa-la, as collegas primaris a mofa-la. Bem se apéga aos vibradores energicos, aos tonicos vigorosos, ás pomadas resurgidoras, ás dourações de restauro geral. Bem frequenta as tócas das sagas corcundas, de mochos sapientes e de grande confiança com o senhor démo. Bem se encommenda aos santos... Mas, qual, o tempo cada vez a arruina mais, dir-se-ha, o maldito, com ancia de lhe chegar rapido o fio da vida á thesoira da megera Atropos.

Carolina, emfim, é uma choca, imprestavel, inappetecivel com uma carcassa. De sorte que come do mealheiro, porém este, que pouco ouro recebera, esgota-se logo. Tem então o recurso, que aproveita logo, de voltar a ser creada. Mas como d'antes nunca mais o podia ser. Oh, — lembrava-se bem — naquelle tempo tivera engodos de velludo, beijos escaldantes, amancebia fidalga: agora, a servir messalinas, a servir corpo de aluguer, como fôra o seu, só poderia ter ralhos espicaçantes, escarneos, trabalho abjecto!... Ah! e essa gente havia de ser conforme ella foi para com as outras miseraveis servas.

Em uma noute de grande saturnal no conventilho em que servia, Carolina conseguiu atirar-se á cama antes de se evaporarem todos os alcóes e delirios das ménades. Porém, não conseguiu dormir, a insomnia obrigou-a a rolar no enxergão até a hora de se erguer. E emquanto isso, só lhe acudiram ao cerebro, com nevrose nostalgica, dias da sua vida serrana.

Quantas saudades dessa vida. E como seria feliz se continuasse na sua terra! Teria agora, lá na encosta, o seu casalsito muito branco, todo cercado de margaridas e botões d'ouro; os seus filhos a affaga-la com carinho; o homem a ampara-la poderosamente... Tinha certeza disso. Oh, o Antonio não deixaria de casar comsigo!... O Antonio... E que seria feito delle?... Como o havia esquecido!

E chorou. Mas as lagrimas seccaram e os sentidos da engelhada Carolina Augusta derramaram-lhe no intimo idéas tenebrosas, avermelhadas.

Quinta-feira. O sr. Visconde de Verim, que está quasi a sopesar os prodromos da caducidade, vae hoje ao mercado da Povoa de Lanhoso. Mas vae tam longe por causa de uma feirola... Ora, quer reinação, reinação de todo o geito, em quanto, principalmente, as pernas não emperrarem.

E, de resto, o sr. visconde tinha razão porque dinheiro não lhe faltava, — dinheiro a rodos, percebiam? e lá em Africa, onde o ganhara honradamente, não se divertira nunca: aquillo, de manhan á noute, era só ganhar, exportar negros, permutar com negros. Uma vida só de cardos, ó mandriões que nunca arredestes pé do solo metropolitano!

E o dia que estava mesmo de appetecer para a diversão: lindo sol, lindo azul. Oh, e o solsinho fazia tam bem aos velhos!...

Carolina Augusta, ao passar pela Arcada, sabe deste recreio. É um velho cocheiro, seu coévo, quem lh'o diz por este modo maldoso:

— Sabe, sr.ª Carolina, que o sr. visconde de Verim... — com quem vossemecê foi muito feliz noutros tempos, lembra-se? — está-se divertindo á grande? A sr.ª, como toda a gente, admira-se, acha que agora, depois maduro, elle devia tomar juizo. Mas não o tem tomado e, parece, nunca mais o tomará: aonde haja festa — festa á tôa, festa passavel, festa melhor, — está o fidalgo. Avalie, hoje vae á feira da

Povoa, e cuido que na carangueijola catita que lhe veio ha dias da estranja. Gosar é assim, ouve? e nós, os pobres de Christo, que aguentemos!

Ella bem sentiu o sarcasmo desta participação, mas remoeu-o no intimo, não visageou o menor signal de replica, acabando por dizer "que Deus désse ao sr. visconde bella distração na estrada e muita alegria na feira„. Porém, assim que deixou o cocheiro, foi logo para casa a correr.

Mudou a roupa e pediu licença á *tia* para sair até á noute. Queria ir á Povoa, tinha lá a tratar um negocio de que dependia o bem estar do resto dos seus dias...

Que fosse, que fosse, annuiu a *tia* com bile e carranca.

Chegou á Povoa e foi direito ao Campo da Feira. Avistou logo o sr. visconde. Como estava casquilho, brunido, perfumado! Credo. Até parecia ella no tempo de seu luxo de perdida!...

E ennoja-se tanto daquelles esmeros de janotismo, que tem vontade de o alvejar aqui mesmo, cara a cara, com a pistola que traz enrolada em um chale.

Mas não, que os policias estão ao lado e o calaboiço, tambem á mão, é humido como as minas... Era deixar folgar por ora o sr. fidalgo, deixa-lo gosar mais um pouco, até mesmo ao fim, para depois então ajustar e pagar as taes contas. Contas, aliás, de que naturalmente o devedor não se lembraria mais.

Com o começo da tarde, alguns feirantes vão-se aprestando para a retirada. Carolina, entretanto, mette-se na estrada das diligencias de Braga. E caminha por ali fóra com passo febrento, observa a miudo, com um trespasse d'estiletes nas pupillas, o listrão vencido.

Até que pára ao cabo de um kilometro, alturas do Horto, e dá de chapa, á esquerda e o cavalleiro do alfazar, com uma mouta de silvas. Sóbe á rampa e esconde-se atraz desta mouta.

O sol, emquanto se não amortalha em um occaso de Zeeman, — o colorido limpido a diafanisar uma suavidade impressionante, — vae ourando as franças negras do pinheiral fronteiriço. Pelos seios dos piornos e medronheiros a lume bafeja a aragem impregnada das purezas montezinhas. Lá á frente, na cinta lendaria do carvalhedo das tapadas, modulam-se os primeiros trinos dos poemas atristados que os rouxinóes entoarão, até noute velha, por amor dos seus amores...

Carolina Augusta, desprendida daquillo que a retem naquelle sitio, entrega-se por momentos ao emballo pantheista. Depois, a um estremeção potente de todo o seu ser, tem desejos de vir para a estrada, de a palmilhar como um galgo, d'ir para Braga, de perdoar. Pois não tinham todos o direito de viver?! Lá estavam a cantar nas mattas os rouxinóes; e quem se atrevia a tirar-lhes a vida? Só algum malvado. Demais, elle, aquelle homem que a perdera, não fôra assim tão ruim. Outros vieram — e quantos! — que foram bem peores.

Mas esse estremeção não repercute muito a onda sentimental e Carolina permanece atraz das silvas, encara mais uma vez a vida de amargor nauseante que passa, o pleno aniquilamento da sua felicidade. Depois acaba por acariciar, como nunca, as idéas tintas de sangue que lhe haviam agasalhado os sentidos ao fim dessa intermina noute d'insomnia...

De repente ouve um vascolejar de guizos, um tinir de metaes, um estalar de chicotes, um rebentar de upas! de cocheiro desesperado e vê logo, em uma curva ladeirenta da estrada, uma carruagem de arrogancia fidalga e brilho novo, cujas lanternas começam a raiar uma luz bicolor sobre o macadam plumbeo.

Descarrega a arma, e o sr. visconde de Verim, que passa nessa carruagem, grita com dor, rola sobre as almofadas voluptuosas, rola de novo e estrebucha, por fim, sobre o tapete de repas velludineas e côr da purpura de um Richelieu.

(Do livro "Baixos relevos„)

Costa Macedo

FIM DO I VOLUME

ÍNDICE DOS AUTORES

ÍNDICE DA COLABORAÇÃO

LITERATURA

ARTE

ILUSTRAÇÕES

SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

NOTAS E COMENTÁRIOS